

HISTÓRIAS DE VIDA, GÊNERO E DIVERSIDADES

FALA QUE NEM HOMEM! UMA TRAMA FICCIONAL DE GÊNERO, SEXUALIDADE E DOCÊNCIA

João Vitor Costa Cordeiro

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

jvcc.ped22@uea.edu.br

Monica Silva Aikawa

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

maikawa@uea.edu.br

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM.

Resumo

Começo aqui com a frase mais ouvida em minha infância e adolescência “Fala que nem homem!” e entre outras cenas escolares, principalmente, rememoro o quanto isso foi e é dificultoso nessa trajetória. Nesse recorte de uma produção de iniciação científica, proponho-me a problematizar com a seguinte questão: De que modo(s) uma trama ficcional de si, minhas vivências escolares e acadêmicas com gênero e sexualidade constituem minha docência?. Com isso, o objetivo se costura em constituir uma trama ficcional de minhas vivências escolares com gênero e sexualidade que se tecem em minha docência em formação. A trama aqui tecida é tanto metafórica quanto metodológica, tanto teórica quanto prática investigativa, com essa trama ficcionamos em pesquisa (auto)biográfica narrando de gênero, de sexualidade, de docência, de si. Em escrita de si tecemos como um exercício de introspecção ou autoconhecimento e uma forma de resistência e de produção de novas subjetividades (Foucault, 2009), desafiando normas e buscando outras formas de existência e de relação comigo mesmo e com os outros. Tendo-me ao mesmo tempo com o poder de tornar-me sujeito e como objeto de formação para mim mesmo, visto que em meio a hetero e a ecoformação há a autoformação (Pineau, 2014). Em minha infância e adolescência me deparei com frases: “isso não é coisa de homem”, “homem não senta assim”, “fala que nem homem”, “homem de verdade não chora”. Perguntava-me: O que significa ser homem? Quem determina o que é ser homem? Como fala um homem? Eu como homem percebia que isso estava atrelado a demonstração de força física, virilidade, masculinidade, o “machão”, mais associados aos homens héteros. E aos homens gays e trans? Por que uma construção social determinista nesse sentido? Por isso, adentramos aos estudos de gênero e sexualidade, vemos que são conceitos diferentes. Gênero engloba as características e papéis atribuídos aos homens e mulheres pela sociedade, também é importante

destacar que o gênero não é algo biologicamente determinado, pois se constitui como um processo de socialização que ocorre ao longo da vida. Isso reflete que a feminilidade e a masculinidade são construções sociais e culturais, não necessariamente determinadas pela biologia (Beauvoir, 1949), podemos entender a sexualidade como expressão e vivência da sexualidade humana. Ela abrange a preferência sexual, desejo, atração, comportamento sexual, identidade de gênero entre outros aspectos. Por sua vez, a sexualidade faz parte da vida de todos os indivíduos, independentemente da orientação sexual, identidade de gênero e outras características específicas (Dias, 2015). Portanto, sexualidade requer uma análise crítica de seu contexto histórico, pois ao longo do tempo, diferentes mecanismos sociais foram empregados para regulação e molde a sexualidade humana, vale uma reflexão profunda sobre como o poder opera nas sociedades modernas e como ele se manifesta na repressão sexual (Foucault, 1988). Assim, desde o nascimento, somos inseridos nessa trama social com expectativas e padrões de comportamento baseados no gênero, imposições reforçadas por meio de brincadeiras, educação e até mesmo pelos próprios familiares. E em minha vida escolar, desde os primeiros dias, fui confrontado com modos limitados de ver a sexualidade, seja como tabu, estereótipo ou preconceito. A sexualidade foi vista como um tabu onde estudava, isso não deveria ser discutido abertamente, esses assuntos foram tratados de forma superficial ou ignorados, nos deixando sem orientação, buscávamos por nossa conta, fato que gerou equívocos e desconfortos. Recordo-me que durante um projeto escolar sobre saúde e bem-estar, havia censura de temas relacionado à sexualidade nos livros didáticos da escola, certos capítulos que tratavam sobre identidade de gênero, diversidade sexual e relações saudáveis foram omitidos. Isso criou lacunas e, ainda hoje, percebo que se perpetua que discutir sobre sexualidade é inadequado, incorreto, impróprio. Na escola também fui exposto a estereótipos e concepções preconceituosas sobre a sexualidade, por vezes, essas imagens transmitidas a nós estudantes foram limitadas e reforçavam padrões de gênero e orientação sexual, excluindo outras formas de vivenciar a sexualidade. Isso me gerou sentimentos de exclusão e discriminação, pois não me via encaixado nessas classificações. Essa experiência-ficção escolar diz que a interação com colegas, professores e a própria estrutura física do ambiente desempenharam papéis cruciais na construção da minha sexualidade. *Bullying* e pressão social foram hostis, sempre me sentia constrangido a aderir a padrões pré-estabelecidos, em detrimento de mim, a operação do poder era forte. Lembro-me de situações em que fui alvo de “brincadeiras” e ironias, tais como: “Essa brincadeira é de menina!”, “Você não pode usar essa cor, não é de menino!” ou “Ai amiga” (em

tom de deboche). Frases nada inofensivas que contribuíam para a criação de um ambiente onde o si foi suprimido e moldado dentro de uma suposta normalidade e “valores” que compõem a trama heteronormativa. De uma forma geral, tais falas evidenciam dificuldades ditas sociais, políticas e econômicas, em lidar com os que fogem dos modelos universais que margeiam a ideia de um ser humano perfeito. Isso se materializa, na necessidade de criminalizar ações preconceituosas contra “homossexuais”. Aponto a emergência em dar uma visibilidade respeitosa aos que estão numa posição de “menos de acordo” com o que se estabelece como melhor ou verdadeiro. Ao reduzir pessoas em um gênero, já os estamos comparando e dizendo que uns “serão mais que outros” dentro de modelos (Silva, 2016). Enquanto professor em formação pretendo outra trama, uma que seja acolhedora, inclusiva, empáticas, desestruturada e fluida, tecida com fios de diálogos abertos, reflexivos e respeitosos com as diversas formas de vivenciar a sexualidade. Delineio uma docência pela potência, desbancado a impotência colada naqueles que se esquivam do ato de modelar. Elaboro uma produção de si mesmo, pelo processo de diferenciação, de expandir-se (vir a ser), de transvalorar valores e extravasar forças. Seguindo com o desafio de (re)construção de narrativas sobre gênero e sexualidade na multiplicidade deleuzi-guattariana. Nessa jornada narrativa de minhas vivências com gênero e sexualidade, emerge uma trama complexa entrelaçada com desafios, reflexões e transformações. Desde a infância, enfrento estereótipos de gênero que moldaram minha percepção sobre o que significava ser "homem". Essa trama ficcional de mim mesmo como professor em formação revela as adversidades enfrentadas e a resiliência em meus processos de ser. Vestir-me de uma sexualidade que é múltipla, não binária, fluida, diversa também é vestir-me de uma forma de professorar, construindo conhecimentos, questionando e desconstruindo normas e ideologias. Assim, minha escrita se alinha ao eixo temático "Histórias de Vida, Gênero e Diversidades", pois traz o diálogo sobre uma educação que transcenda estereótipos e promova a compreensão da complexidade das questões de gênero e sexualidade. Essa tecitura de si evidencia um discurso heteronormativo forte por onde passei, especialmente na escola, e hoje posso dizer que: Falo que nem homem! Um homem que se veste de uma sexualidade multipluri-una, que é professor em formação e que se pretende outros modos de professorar.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica. Gênero. Sexualidade. Docência.

Referências

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 2ª Ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

DELUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIAS, A. Corpo, gênero e sexualidades. Problematizando estereótipos. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v.9, n.16, p.73-90, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 2009.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

SILVA, Renata Ferreira da. Por uma formação baseada em artes ou três modos de fuga dos modelos sociais. In: CHAVES, Silvia Nogueira. BRITO, Maria dos Remédios de. **Focar, formação ciência e arte**: Autobiografia, arte e ciência na docência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.